

A Urbanização Acelerada das Cidades

A cidade não existe de forma isolada, ela é o resultado do momento de determinada sociedade. Natural, portanto, que os problemas urbanos dos países do Terceiro mundo tenham muitas vezes natureza diversa daqueles dos países mais desenvolvidos e, no geral, sejam potencialmente maiores.

Segundo dados da ONU, nas regiões desenvolvidas do mundo o percentual médio de população urbana é de 76%, comparado a 40% nas regiões mais pobres, onde se espera maior crescimento da urbanização nas próximas três décadas.

Por regiões **mais desenvolvidas**, a ONU entende a Europa, a América do Norte, a Austrália, a Nova Zelândia e o Japão. Regiões **mais pobres seriam** a África, a Ásia (menos o Japão), a América Latina, as Antilhas, a Melanésia, a Micronésia e a Polinésia. Tóquio é hoje a região metropolitana mais populosa do mundo, com 26,4 milhões de habitantes, seguindo-se a Cidade México (18,1 milhões), Bombaim (18,1 milhões), São Paulo (17,8 milhões) e Nova York (16,6 milhões).

País de contrastes, o Brasil se antecipa às projeções. Localiza-se entre as regiões como mais pobres, mas já tem perfil urbano semelhante ao das regiões mais desenvolvidas. O país viveu, de fato, um violento processo de urbanização nas cinco décadas, em paralelo a uma igualmente acelerada evolução demográfica.

Nos anos 1950, apenas 30% dos brasileiros viviam em cidades; em 1991, nosso grau de urbanização já era de 75,6% e, hoje, atinge 81,2%, segundo o Censo Demográfico 2000 do IBGE.

Com um total geral de 169.590.693 habitantes, o Brasil é o **quinto país mais populoso do mundo**, e nossa população urbana atual é de 137.755.550 pessoas. Esses percentuais, contudo, não são aceitos com unanimidade.

O professor José Eli da Veiga, da USP, aponta erros na metodologia oficial de cálculo da taxa de urbanização no país. Tal metodologia, herdada do Estado Novo, já seria obsoleta, na medida em que considera toda sede de município como necessariamente espaço urbano, seja qual for sua função, dimensão ou situação.

Até 1938, o Brasil não teve dispositivo legal que estabelecesse diferença entre cidade e vila. Era costume elevar à condição de vila, ou mesmo diretamente à condição de cidade, rústicas sedes de freguesia, a mais antiga unidade territorial brasileira.

José Eli da Veiga, “O Brasil é menos urbano do que se calcula”. A distorção chega a tal ponto que mesmo populações indígenas são consideradas urbanas, caso suas ocas estejam no interior do perímetro de alguma sede municipal ou distrital.

Os números absolutos, porém, são incontestáveis. As estatísticas do Censo mostram que o ritmo de expansão das duas maiores cidades brasileiras - São Paulo e Rio de Janeiro, que de fato têm escaladas de “cidades globais” – ficou abaixo da respectiva média estadual na última década do século XX.

O município de São Paulo alcançou 10.406.166 habitantes. Dos 5.507 municípios brasileiros, apenas 224 detêm 51% da população. As 15 maiores cidades do país abrigam 36,2 milhões de pessoas, ou seja, 21,3% da população total. Outro exemplo, as regiões metropolitanas de São Paulo, Campinas e Santos somadas concentram quase 60 % da população paulista.

Hoje 13 cidades brasileiras têm mais de um milhão de habitantes. Barretos pelo censo de 2000 tem 103.913 habitantes sendo que 98.860 na zona urbana, ou seja, 95,14 % da população, apenas 5.053 na zona rural. Esta concentração urbana elucida de forma cabal a necessidade de se utilizar recursos hídricos de maneira sustentável, sob pena de não o fazendo, sofrer as conseqüências de racionamentos pela falta do precioso líquido.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br